



A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA: DISCURSO E PRÁTICA NA UNIVERSIDADE.¹

Juliana Maria Nunes Tiellet²

Esta pesquisa tinha a pretensão de analisar o discurso e a prática do ensino na Universidade hoje, enfocando o papel que assume Formação Humanística, bem as controvérsias que a circundam. Os fundamentos humanísticos do ensino praticado na universidade foi buscado ao se reconstituir algumas leituras feitas por autores das áreas de ciências humanas, ao mesmo tempo procurou-se destacar um caso específico em que esta concepção foi discurso constante: na Unijuí. A Formação Humanística na Unijuí (antes denominada Ciclo Básico) sempre foi foco de debates e discussões. Uma das características diferenciadas da Universidade foi a presença significativa de componentes desta área no currículo de todos os cursos, assim como era forte o discurso de formação humanística nos discursos que traduziam a filosofia de ensino adotada por esta instituição. Durante sua trajetória, a Formação Humanística vem perdendo espaço e força. A perda desta característica não se traduz apenas em perda para os acadêmicos, que não terão a oportunidade de descobrirem que o ensino não deve ser meramente técnico, puramente mecânico e que bons profissionais não se fazem apenas da prática, pois o conhecimento amplo do mundo advém e reflexões profundas que se pode fazer. Não se pode perder e vista a idéia de comunidade acadêmica, embora pareça que tudo está parcelado, dividido e nem mesmo aparecem os discursos de unidade. A Unijuí possui sua maior marca, sua identidade especial por ser uma instituição que apostou na qualidade da humanidade da pessoas para garantir uma sociedade justa, um desenvolvimento regional para todos. Para muitos, no entanto, ela se tornou igual a tantas outras, esta perdendo seu diferencial, sua função social que é de formar pessoas cidadãs, críticas e responsáveis. Partindo destas considerações é que tal pesquisa será de relevante importância, já que se propõem a analisar o porquê de tais mudanças e em que áreas do conhecimento é que estão as principais perdas. Com o auxílio de documentos internos da instituição (regimentos, estatutos, seminários, currículo dos cursos...) é que poderemos comprovar o que realmente se fez do que foi dito e, talvez, o porquê de eventuais divergências, já que tomaremos depoimentos das pessoas que aqui trabalham e estudam. Com uma revisão bibliográfica de autores das ciências sociais e humanas sobre ao assunto, com os documentos escritos que circulavam na universidade e com os discursos dos atores, alunos, professores e direções procura-se reconhecer as afinidades ou conflitos que podem ser descritos em relação à efetivação deste princípio nas diferentes áreas do saber, especialmente quando estes princípios estão resumidos na Formação Humanística. Explicita-se em que medida se dá a interação entre a Formação Geral Humanística e a Formação Acadêmico-profissional nos projetos político-pedagógicos dos cursos de graduação da Unijuí. Investigar se as normatizações e as últimas revisões dos projetos político-pedagógicos dos cursos na Unijuí reconhecem a característica histórica de valorização da concepção humanística. Analisam-se como os atores (professores, alunos e coordenações de curso) entendem e avaliam a Formação Humanística que efetivamente praticam. As Ciências Humanas, hoje, estão em desvantagem frente às áreas mais técnicas do saber. As universidades vêm cedendo às pressões externas de cunho político, ideológico e



econômico, e também aos apelos, muitas vezes infundados, internos. Na Unijuí – foco do nosso estudo – a expressão de formação com o caráter das ciências humanas se deu no que era chamado de Ciclo Básico (até 1990), depois Formação Geral Humanística (até 2004) e hoje de Formação Humanística. Esta perspectiva estava presente em todos os cursos sem ser necessariamente ponto de consenso, mas, em muitos casos, conflitos saudáveis geradores de grandes debates. Após um longo tempo de influências das Ciências Humanas na orientação do Projeto Institucional da Unijuí nos últimos anos vemos um recuo destas áreas. Enquanto no cenário mundial algumas universidades se esforçam para adquirir um caráter humanístico, na instituição fazemos reestruturações que relegam a segundo plano o papel da formação humanística. Com isto se distancia das bases regionais onde atuava cumprindo importantes papéis culturais e promovendo a cidadania e não está chegando a lugar nenhum, ou seja, perdendo seu fundamento comunitário e regional e está tendo pouca ressonância no cenário mais universal das ciências, do conhecimento. Esta situação de remodelação e reestruturação é aguçada a partir no início da década de 1990. Desde 1991 estas questões são levantadas com mais fervor dentro da universidade, como analisamos em vários documentos que se referem ao Ciclo Básico. Em tais manifestações havia discursos consensuais sobre a necessidade de formação ampla, crítica e cidadã, mas divergiam sobre quem é e como é que se organiza e se procede para fazer isso. As áreas técnicas discordavam de que o discurso de formação humanística tinha que ser elaborado, mantido e feito pelas áreas de Ciências Humanas existentes na Universidade. Acreditavam que eram também portadores desta capacidade crítica. Defendiam que não é preciso manter em seus Currículos Componentes Curriculares das Ciências Humanas e não concordavam de que os docentes destas Disciplinas tinham que ter formação em Ciências Humanas ou estar vinculado aos núcleos e áreas destas áreas. Os discursos das Ciências Humanas tiveram ressonâncias negativas na universidade, acirrando ainda mais os conflitos, pois quem concordava com a Formação Humanística, mas discordava da forma de como ela se processava se sentiram atingidas e comparadas às posições tecnicistas. Aqueles fizeram coro com estes e passaram usar de muitas estratégias para desconstruir a estrutura do Ciclo Básico dada. A estrutura da Formação Humanística, hoje, é totalmente diferente. Muitas disciplinas foram extintas e outras mudaram de nome ou determinadas por temas e não pelo saber que as pesquisam. Repartiu-se compromissos didáticos das áreas, esfacelando o grupo de docentes preparados para ministrar estas disciplinas. Diluíram-se as disciplinas nos currículos dos cursos, se fez junções de turmas. Diminuiu a quantidade de turmas, das 107 turmas por semestre têm-se agora, em 2007, apenas 36 por semestre. Prevalece discussões isoladas em alguns núcleos com seus Grupos de Estudos. Não se tem mais Coordenação Geral, não se faz os eventos temáticos, não se tem os fóruns de debates sobre a universidade e formação. a partir de toda essa discussão é que entendemos que a universidade mantém uma estrutura que garante uma formação cidadã com pretensão de universalidade consegue assentar sua identidade e garantir que suas funções sociais não possam ser subsumidas no mercado de bens materiais. A universidade não é coisa forjada e sim instituição construída por atores vivos com seus trabalhos teleológicos. A universidade constitui-se em espaço de formação e produção do conhecimento. Ela faz isso pelas atividades de Ensino, Pesquisa e da Extensão ao tematizar e projetar as questões da humanidade na formação das pessoas contexto contemporâneo. Portanto, a ciência, a política,



a cultura e a tecnologia estão implicadas na responsabilidade da universidade, tanto no seu interior, como no seu exterior, para não ser considerada como um fim em si mesmo, para não considerar o que produz como uma mercadoria, sobretudo porque o conhecimento, em suas múltiplas formas de criação – filosófica, científica, artística, literária e experiencial – não se constitui em algo perene, acabado e não acontece de forma linear e cumulativa. Apoio: CNPq

¹ Resultados finais obtidos na pesquisa de iniciação científica pibic/cnpq no período de agosto de 2006 a julho de 2007.

² Bolsista PIBIC/CNPq